

A IMAGEM NEGATIVA DA ATIVIDADE JORNALÍSTICA NOS PRIMÓRDIOS DA IMPRENSA

MONIQUE HEEMANN¹; ALFEU SPAREMBERGER²

Universidade Federal de Pelotas¹ – monique_heemann@hotmail.com

Universidade Federal de Pelotas² – alfeu.sparemberger@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Na Europa do início do século XIX, os jornalistas eram frequentemente atacados por críticos da imprensa. A fragilidade das liberdades políticas, o caráter dispensável do tempo preparatório e o baixo salário eram algumas das razões para a falta de prestígio da profissão emergente. Homens que não tinham conseguido ser advogados, médicos, professores, voltaram-se para o jornalismo (O'Boyle, 1968:300).

Se com a profissionalização do jornalismo no início do século passado os jornalistas tiveram sua falta de prestígio substituída por uma romântica visão do ofício, tendo a imprensa chegado a ser vista como o “quarto poder”, isso pouco nos diz sobre a história da mesma. Os “cães de guarda da sociedade” não chegariam, enfim, à notoriedade dos escritores, presos à lógica comercial do jornal e à ideologias de outrem. Balzac toma essa posição utilizando-se do personagem Vernou em sua obra *Os jornalistas*. O trabalho do jornalista era, enfim, visto como uma mera troca de influências e produtos.

Este trabalho propõe-se a explorar tal concepção a partir de referências como Greenwood, John Stuart Mill, Michael Shudson, Nelson Traquina, Pierre Larousse e Sandór Ferenczi, além do já citado Balzac, abordando suas visões da profissão nos séculos de seu início e refletindo sobre sua ainda atualidade.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido através de pesquisa de cunho bibliográfico/documental, a partir de referências retiradas dos seguintes textos: “A visão de um passado sempre presente na imprensa” (Mires Coelho); “Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado: o jornalismo como profissão” (Fábio Henrique Pereira); *Ilusões Perdidas* (Honoré de Balzac); *Os jornalistas* (Honoré de Balzac); *Teorias do jornalismo* (Nelson Traquina), no qual são citadas as referências Greenwood, John Stuart Mill, Michael Shudson, Pierre Larousse e Sandór Ferenczi. Com base na análise dos textos citados tornou-se possível compreender a imagem do homem de imprensa do século XIX, bem como refletir sobre o atual cenário da profissão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo da análise das obras citadas, foi possível identificar, no século de expansão da imprensa, um jornalista ao qual não era aconselhável dar credibilidade. A análise maniqueísta do trabalho desse profissional prejudicou não somente a ele, mas a todos os colegas de profissão pelos séculos seguintes. Esses resquícios são perceptíveis, principalmente, quando na segunda metade do século XX surgem, no campo das teorias do jornalismo, as Teorias da Ação Política, em que os media noticiosos são vistos de forma instrumentalista, isto é, servem objetivamente certos

interesses políticos (TRAQUINA, 2012).

Além disso, o desabrochar de um novo filão de pesquisas na década de 1970, conhecido como os estudos da parcialidade (*news bias studies*), acentuam ainda mais influência do jornalista como ferramenta política.

É de substancial importância compreender as razões para que, desde o século XIX até o final do XX (e é possível afirmar que tal quadro não se alterará tão cedo), os homens de imprensa fossem considerados negociantes de frases (BALZAC, 1994). A liberdade de imprensa não é possível, visto que os veículos de comunicação seguem a lógica empresarial, que visa ao lucro. Não é plausível, portanto, identificar validade na Teoria do Espelho, a mais antiga das teorias do jornalismo. A realidade não pode ser retratada por alguém sem que haja qualquer distorção, mesmo não intencional.

Honoré de Balzac, em seu *Os jornalistas*, desmistifica a liberdade tão almejada pelos trabalhadores da área. Para ele, a manipulação era presente e intencional, realizada pelas elites políticas e culturais da sociedade.

Outro importante motivo para tal olhar negativo era a inferioridade com que o jornalismo era visto em relação à literatura.

O senhor então assume tudo o que escreve? – disse-lhe Vernou, brincalhão. Acontece que somos negociantes de frases, vivemos de nosso comércio. Quando quiser fazer uma grande bela obra, um livro enfim, poderá nele lançar os seus pensamentos, sua alma, entregar-se a ele; mas artigos lidos hoje, esquecidos amanhã, a meus olhos, só valem o que se paga por eles” (Balzac, 1994, p. 302).

A posição de John Stuart Mills também ilustra a inferioridade de um quando comparado ao outro.

(...) na França, os melhores pensadores e escritores da nação escrevem nos jornais e governam a opinião pública, mas os nossos escritores diários e semanários são os mais baixos serventes da literatura a qual, quando é um ofício, é o mais vil e degradante de todos os ofícios, porque são necessárias mais hipocrisia e afetação, e mais subserviência aos baixos sentimentos dos outros para o exercer, que em qualquer outro negócio, de proxeneta para cima (Apud Traquina, 2012, p. 78).

Pierre Larousse faz, em 1875, no seu *Dicionário Universal do Século XIX*, uma crítica ao sensacionalismo praticado pela imprensa. Para ele, o repórter não é bem visto pelo público sério, que lamenta ver a novidade tomar uma importância exagerada e expulsar do jornal o artigo sério, histórico ou crítico (Apud Traquina, 2012).

O historiador francês Sandór Ferenczi afirmava que para os homens da política e das letras os jornalistas provocam mais vezes o desprezo que a admiração (Apud Traquina, 2012).

O sociólogo norte-americano Michael Shudson também analisa a falta de prestígio da profissão.

O jornalismo não é uma das profissões consideradas... O jornalismo está mais bem estabelecido agora mas ainda não está entre as profissões respeitadas. Apesar dos jornalistas na Europa, nos Estados Unidos, e noutros locais se terem associado aos ricos e poderosos,

nunca foram respeitados por eles (Apud Traquina, 2012, p. 77).

Além da impossibilidade da total liberdade de imprensa e da dita inferioridade do jornalismo em relação à literatura, ainda outro motivo pode ser citado como responsável pela má visão dos jornalistas. A até então inexistência de um “campo jornalístico” concedia menos credibilidade ao grupo de profissionais. Segundo Traquina (2012), a existência de um “campo” implica a existência de três fatores. O primeiro, um número ilimitado de “jogadores”, ou seja, agentes sociais motivados a mobilizar o jornalismo como recurso para estratégias de comunicação. O segundo trata-se de um “prêmio” para esses “jogadores”, as notícias. O terceiro fator é a existência de um grupo especializado, os profissionais do campo, que reivindicam um monopólio de conhecimentos sobre a profissão, neste caso, o que é notícia e como sua construção deve ocorrer.

O sociólogo Michael Schudson acreditava, nos anos 1830, que não havia nada a que se pudesse dar o nome de jornalismo (TRAQUINA, 2012).

O *Dicionário das Profissões*, publicado na França em 1851, define da seguinte forma o jornalismo:

O jornalismo não é uma profissão no sentido habitual do termo. Isto é tão verdade que ele recruta nas outras profissões, geralmente as que exigem conhecimentos gerais, a advocacia, os professores, os homens de letras ou das ciências (Apud Traquina, 2012, p. 94).

Greenwood oferece a definição de uma profissão por meio de cinco atributos fundamentais: uma teoria sistemática, um sentimento de autoridade por parte dos membros do grupo, a ratificação por parte da comunidade dos “agentes especializados”, a existência de um código ético e a existência de uma cultura profissional. Greenwood acredita, ainda, que a análise da problemática das profissões não deve ser simplista.

(...) a verdadeira diferença entre uma ocupação profissional e uma não profissional não é qualitativa mas sim quantitativa, Estritamente falando, estes atributos não são o monopólio exclusivo das profissões; as ocupações não profissionais também os possuem, embora em menor grau (Apud Traquina, 2012, p. 97).

É, portanto, notável que a inexistência de uma profissionalização do jornalismo, o que só começaria a ocorrer no século XX, reforçava a ideia de que os homens de imprensa eram tão somente aqueles que, por algum motivo, não conseguiram empregar-se em outro lugar, e, a partir do momento em que entravam para os jornais, tornavam-se apenas instrumentos das ideologias alheias, sem qualquer compromisso social.

4. CONCLUSÃO

Foi possível compreender, por meio da pesquisa, a existência de três principais motivos para a falta de prestígio do jornalista no século XIX, a saber: a inexistência da total liberdade de imprensa, fazendo com que o jornalismo fosse visto a partir de uma visão instrumentalista; a inferioridade do jornalismo comparado à literatura, pois a notícia e o artigo não exigiam um escritor excelente para sua construção; e a falta de um “campo jornalístico”, que reunisse fatores capazes de agregar credibilidade ao grupo emergente.

Nota-se que alguns dos motivos ainda estão em pauta, essencialmente o primeiro e o último citados acima. O surgimento das Teorias da Ação Política na segunda metade do século XX aponta para a sempre repreendida imparcialidade dos jornalistas, assim como a possibilidade de exercer a profissão sem um diploma acadêmico levanta questões sobre a competência do trabalho de diversos empregados na área.

A profissão segue tentando afirmar-se. Constata-se que o progresso não é, ainda, satisfatório, mas continua acontecendo. O jornalismo não é completamente bem visto atualmente, mas sua importância vem sendo, cada vez mais, reconhecida.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALZAC, H. **Ilusões Perdidas**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1979.

BALZAC, H. **Os jornalistas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

COELHO, M. **A visão de um passado sempre presente na imprensa**. Porto Alegre, 26 jan. 2010. Acessado em 9 jan. 2014. Online. Disponível em < <http://mirescoelho.blogspot.com.br/2010/01/visao-de-um-passado-sempre-presente-na.html> >

PEREIRA, F. H. **Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado: o jornalismo como profissão**. S/l, s/d.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**. Santa Catarina: Insular, 2002.